

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

Luana de Oliveira Serpa Botelho

**“Existe racismo no Brasil?”:
Três curta-metragens para problematizar a questão racial e o racismo
para a educação no Brasil**

Porto Alegre (RS), dezembro de 2019.

Luana de Oliveira Serpa Botelho

**“Existe racismo no Brasil?”:
Três curta-metragens para problematizar a questão racial e o racismo
para a educação no Brasil**

Trabalho de conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora:

Prof^a. Dr^a. Fabiana de Amorim Marcello

Porto Alegre (RS), dezembro de 2019.

Dedico este trabalho a Maria Nair Gonçalves Lima, inspiração de força e determinação, mulher negra, militante do movimento quilombola e minha avó. Apesar de não estar mais entre nós, deixou uma semente plantada em meu coração, que tem crescido a cada dia.

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais, Carla e Admilson, por todo amor, por todo incentivo, e por todo esforço investido em mim.

Agradeço ao meu (agora) marido, Juan, pelo ombro amigo, pelo apoio e pelo cuidado.

Agradeço aos meus irmãos, Junior, Gabriel e Lauany por todo o companheirismo.

Agradeço à minha orientadora, Fabiana de Amorim Marcello, por sempre estar disponível, por me encorajar, me reafirmar e me orientar para muito além deste trabalho de conclusão de curso.

Agradeço à minha sogra Maria e ao seu marido Miguel, por todo cuidado e carinho comigo.

Agradeço a minhas amigas Júlia Antonioli e Ândria Coelho, por me acompanharem dia após dia nesta trajetória, sempre animando e divertindo as minhas manhãs.

Agradeço a Paulo Inocente e Noeli, por todos os conselhos dados, e por todas as orações feitas por mim.

Agradeço aos meus professores que serviram de inspiração e me engajaram durante todo meu percurso escolar.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a Deus pela vida de cada uma das pessoas maravilhosas que Ele colocou em meu caminho.

Sumário

1) Introdução	6
2) Aspectos teóricos	11
2.1 Discussões sobre cinema e educação	11
2.2 Discussões sobre as relações étnicos raciais	13
3) Metodologia	17
3.1 Pode me chamar de Nadí	17
3.2 Cores e Botas	19
3.3 Ana	20
4) Análises	23
4.1 Primeiro eixo de análise	23
4.1.1 Diferença que incomoda	23
4.1.2 A relação entre racismo e colorismo	25
4.2 Segundo eixo de análise	28
4.2.1 A falta de representatividade	28
4.2.2 Outra figura reafirmando a identidade negra	32
4.3 Recorte de racismo e machismo: interseccionalidade	34
5) Conclusão	36
6) Referências	39

1) Introdução

O tema motivador desta pesquisa deriva de inquietações que surgiram durante o curso de graduação em Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em especial em uma disciplina chamada “Educação para as relações étnico-raciais”. Já na primeira aula da disciplina, uma das professoras propôs ao grupo de estudantes que cada um fizesse seu autorretrato, escrevesse sua autodeclaração étnico-racial no verso da folha e, por fim, solicitou que fosse feita uma apresentação dos registros aos colegas. Fiz meu autorretrato usando um tom de marrom da paleta de cores do giz de cera profissional de tons de pele, da marca Pintkor (produzidos em parceria com o curso de aperfeiçoamento UNIAFRO, desenvolvido com o apoio da Secretaria de Educação a Distância e do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul), que havia sido disponibilizado pela professora.

Não tive nenhuma dificuldade em realizar ou mesmo apresentar meu desenho, já que, desde muito pequena, me reconhecia com a pele “marrom” e, em função disso, utilizava o giz ou o lápis de colorir da cor marrom para tonalizar minha pele representada nos desenhos. Assim que comecei a falar sobre a autodeclaração, expliquei o fato de que meu pai é descendente de quilombolas e minha mãe é descendente de alemães, justificando que minha origem se encontrava nessa miscigenação. Entretanto, naquele momento, não consegui me autodeclarar.

Em meus documentos oficiais, li muitas vezes a classificação “parda” e, por um longo período, a aceitei sem questionamentos. Contudo, foi justamente nesta disciplina que aprendi, também, que a classificação “parda” se refere à cor, e não à etnia racial. Por mais que este fato possa parecer trivial, ter o conhecimento de que a classificação que eu acreditava me definir etnicamente dizia respeito somente a meu tom de pele, e não a minha etnia, desestabilizou toda a certeza que eu tinha na autodeclaração feita até aquele instante.

A partir da informação que me foi dada, e que tocou diretamente nas questões referentes à minha formação étnico-racial, dei início a uma busca para entender o contexto histórico relacionado à miscigenação, da qual sou um exemplo. O movimento de auto-descoberta me levou a pensar sobre como eu me enxergava,

sobretudo no momento em que parecia que não me cabia nem a declaração de negra, nem a declaração de branca. Foi um processo longo e bastante dolorido assumir e compreender algumas tensões fortes referentes ao estado das relações étnico-raciais na formação do Brasil que impactam a minha vida, assim como a vida de todos os brasileiros – dado que, no Brasil, a miscigenação é uma realidade e a cor de pele determina, e muito, sobre quais serão as condições de vida de um sujeito.

Em uma sociedade na qual o racismo é cotidiano, e muitas vezes fica invisibilizado para o branco, é de extrema importância se discutir, refletir, compreender o que é o racismo e suas diferentes formas de manifestação, pois “ideias racistas devem ser combatidas, e não relativizadas e entendidas como mera opinião, ideologia, imaginário, arte, ponto de vista diferente, divergência teórica” (RIBEIRO, p. 39, 2018).

Alguns casos de racismo “explícito” têm cada vez mais sido denunciados e ganhado outro tipo de visibilidade: em agosto de 2014, a notícia de que Mário Lúcio Duarte Costa, jogador de futebol, também conhecido como Aranha, foi chamado de “macaco” por uma torcedora de um time porto alegreense que assistia a um jogo no estádio Arena, ganhou espaço em canais de televisão e jornais. Em novembro de 2019, em Belo Horizonte, Fábio Coutinho, um homem negro que estava trabalhando como segurança, separava uma confusão entre duas torcidas em uma partida de futebol entre times mineiros, quando um torcedor o chamou de “macaco” e cuspiu em seu rosto.

Em março de 2015, um homem branco tomava um sorvete com seu filho, um menino negro de 8 anos, em frente a uma loja em um bairro de classe média-alta da cidade de São Paulo, e uma vendedora da loja logo que os vê diz a adulto que ele não poderia “vender coisas aqui”, causando nova comoção midiática pelo gesto racista envolvido em sua conclusão. No mesmo ano, uma das únicas apresentadoras jornalísticas negras da Rede Globo de Televisão, Maria Júlia Coutinho (Maju) também foi vítima de comentários racistas de alguns internautas em uma postagem feita pela página do Jornal Nacional no Facebook.

Os exemplos são muitos e recorrentes e invadem os mais variados espaços: recentemente foram encontradas mensagens de ameaça de morte e de racismo

escritas em banheiros na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar); do mesmo modo, foram encontradas frases como “negras fedem”, “Juarez [professor da Universidade] macaco”, “macaco fedido” nas paredes de alguns banheiros da Universidade Estadual Paulista (Unesp).

O racismo, obviamente, não se limita somente às situações relatadas acima; ao contrário, trazemos tais exemplos aqui pois cabe entender o quanto eles são parte de um conjunto de atitudes muito mais amplas e cotidianas, dado que são muitos os relatos sobre preconceito trazidos por pessoas negras em diversos espaços de debates. Falamos, portanto, de atitudes “corriqueiras”, mas que, para parte considerável da população, passam despercebidas, pois parecem “não lhe dizer respeito”.

Ainda no rol dos exemplos que vivenciamos cotidianamente, vale destacar que recentemente o atual Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, afirmou publicamente em programas televisivos de alcance nacional que “aqui no Brasil não existe isso de racismo” (2018) e que “racismo é coisa rara no Brasil” (2019) – dentre tantas outras afirmações de semelhante teor já enunciadas por ele ostensivamente durante sua trajetória política.

Além disso, e mais recentemente, o então presidente da Fundação Palmares (por sua vez nomeado pelo Presidente da República), o jornalista Sérgio Camargo, também se manifestou por meio de publicações feitas em suas redes sociais dizendo que “o Brasil tem racismo nutella. Racismo real existe nos EUA. A negrada daqui reclama porque é imbecil e desinformada pela esquerda” (2019) e que “não há salvação para o movimento negro. Precisa ser extinto! Fortalecê-lo é fortalecer a esquerda” (2019), dentre tantas outras. Lembremos que a Fundação Palmares é uma entidade pública brasileira vinculada ao Ministério da Cultura, e seu objetivo é de apoiar o movimento de preservação dos valores sociais e culturais resultantes da influência negra na constituição da sociedade brasileira. A nomeação de Sergio Camargo hoje, graças a essas declarações, é alvo de um embate jurídico.

Se trago esses exemplos (que partem de minha história pessoal e atravessam cenas cotidianas em diferentes níveis sociais e políticos) é porque entendo que eles apontam para a necessidade e urgência de, cada vez mais, ampliarmos o debate sobre as relações étnico-raciais, sobretudo considerando a

formação de professores e, ainda, como elemento central desta pesquisa, a educação de crianças pequenas. Além disso, é imprescindível que a discussão qualificada de temas centrais na agenda política atual – e que envolvem racismo, questões das relações étnico-raciais, reparação histórica e ações afirmativas –, seja contemplada e articulada com discussões sobre todas as “forças” que operaram e têm operado historicamente para que se chegasse ao contexto atual.

Com base em alguns conceitos que me fizeram perceber o quanto o racismo é recorrente, e a relevância de se discutir a origem do racismo – para além de constatações superficiais que indiquem que é “inadequado” ser racista –, cabe, neste trabalho, propor debates que possam esclarecer e problematizar alguns dos princípios do racismo, tal como a concepção equivocada de uma inferioridade negra.

Sabemos o quanto, por exemplo, a produção cultural para a infância encontra-se hoje comprometida com os debates sobre as relações étnico-raciais. Mais especialmente, nos últimos anos, por exemplo, vem sendo produzido um número considerável de livros infantis que abordam, com qualidade, a temática no tocante ao racismo, a valorização do negro e a sua cultura. Essas obras literárias têm sido utilizadas há mais tempo no espaço escolar, fazendo com que algumas delas sejam já conhecidas – como é o caso do livro “Menina bonita do laço de fita”, publicado em 2005, escrito por Ana Maria Machado e ilustrado por Rosana Faria; e outros como “Obax”, publicado em 2010, escrito e ilustrado por André Neves; “Dandara seus cachos e caracóis”, publicado em 2014, escrito por Maíra Suertegaray e ilustrado por Carla Pilla; e “Amoras”, publicado em 2018, escrito por Emicida e ilustrado por Aldo Fabrini.

No entanto, percebemos que, se no campo da literatura infantil, estas discussões, de algum modo, já encontram espaço e qualificação, no campo do cinema voltado para o público infantil, o mesmo não pode ser dito. Foi justamente a dificuldade em encontrar materiais fílmicos sobre o tema produzidos para crianças durante o estágio em Educação Infantil, realizado no primeiro semestre de 2019, que fez com que tais produtos se tornassem alvo da pesquisa de conclusão do curso. Sendo assim, é também nessa lacuna que se compreende a importância de se buscar e analisar materiais audiovisuais – o que de forma alguma indica que deva haver a desconsideração das obras literárias, mas que os filmes, na qualidade de

materiais que operam com outro tipo de linguagem, podem apresentar outros modos de olhar, de narrar e de tocar a temática.

Assim, afirmo que este trabalho de conclusão de curso está inscrito em um campo que pesquisa que analisa as imagens cinematográficas, considerando sua relevância para a educação, em especial quando se busca discutir produções que tensionam a questão das relações étnico-raciais, e que podem vir a ser veiculadas no espaço escolar. Mais precisamente, o objetivo desta pesquisa é analisar três curtas-metragens brasileiros voltados para o público infantil e que têm como tema central a problemática étnico-racial, sobretudo quando vinculada às dinâmicas de como o racismo se produz e se reproduz.

Cabe aqui ressaltar que este trabalho busca oferecer subsídios para o cumprimento da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

Para tanto, na primeira seção deste trabalho, busco discutir algumas premissas básicas sobre o próprio campo que articula cinema e educação e, mais ainda, sobre o papel das imagens (fílmicas) na educação; em seguida, trago para debate alguns conceitos centrais para a pesquisa e que se relacionam ao tema central aqui e que, nessa condição, permitem pensar sobre a construção histórico-cultural do preconceito e do racismo. Na segunda seção, apresento a metodologia do trabalho e, com isso, os filmes analisados, A terceira seção dedica-se a apresentar as análises propriamente ditas. Por fim, nas considerações finais, retomo os trajetos percorridos para a construção da investigação proposta.

2) Aspectos teóricos

2.1 Discussões sobre cinema e educação

Para dar conta de algumas discussões sobre a relação entre cinema e educação, gostaria de destacar alguns pressupostos desenvolvidos no texto “Tópicos para pensar a Pesquisa em Cinema e Educação” (2011), de autoria de Fabiana de Amorim Marcello e Rosa Maria Bueno Fischer. No texto, as autoras propõem uma agenda para pesquisas entre cinema e educação, que se encontra dividida em 20 tópicos. No caso desta pesquisa, cinco tópicos se fazem fundamentais.

O primeiro tópico a ser aqui destacado diz respeito ao fato de as autoras indicarem a importância de ultrapassarmos a ideia de que pesquisar sobre cinema limita-se à mera descrição das imagens, ou ainda ao ato de extrair coisas além do que o que as imagens propõem. Para tanto, é crucial que o/a pesquisador/a seja também espectador e, desse modo, se entregue às imagens – justamente para que possa ser impactado por elas e, com isso, estabelecer relações com o filme a partir daquilo que o tempo histórico e a cultura em que ele está inserido lhe permitem pensar, mas também tensionar. Para as autoras, não há análise sem entrega, mas também sem abandono de convicções – algo somente possível quando se colocam de lado os mecanicismos das leituras e se compreende o filme como arte que ele é.

Outro tópico abordado por Fabiana Marcello e Rosa Fischer (2011) diz respeito à importância de se fazer o uso de filmes no contexto de *formação* – tanto nas práticas dos professores no nível básico (e, portanto, de alunos frequentadoras da escola básica), quanto em pesquisas. Dado que, tendo os filmes como suporte, abre-se possibilidades de se construir um olhar singular para problemáticas atuais, de forma que ter acesso a esses materiais, auxilia na educação do olhar e na formação estética, pois no uso das obras fílmicas se propiciam novas experiências. Trata-se, portanto, de um pressuposto ligado à ampliação de repertórios e que se desdobra tanto na utilização dos filmes para a ampliação das vivências com obras que operam com narrativas fílmicas distintas, quanto no dever de se colocar

eticamente acerca de um tema (já que, a partir dos filmes, é possível se ter um olhar singular em relação a um tema, que não é possibilitado por outros materiais).

Ainda em relação a este aspecto formativo do cinema, as autoras (ibidem) afirmam o acesso a filmes (nos termos de uma ampliação de repertório) envolve uma demanda de cunho político, na medida em que, sabemos, para um conjunto significativo de crianças e jovens brasileiros é somente no contexto escolar que são oportunizadas experiências no âmbito da arte.

Outros pressupostos importantes de serem aqui destacados – já que envolvem aspectos decisivos não apenas para a análise dos materiais, como também para as discussões que sustentam a pesquisa, de maneira mais ampla – referem-se às possibilidades de aprofundamento de debates caros ao contexto educativo. Mais propriamente, os filmes não servem, de modo linear, apenas como gatilhos para que o/a professor/a aborde este ou aquele debate. Assim, convém ressaltar que as análises, tanto aquelas ligadas às pesquisas acadêmicas, quanto aquelas de propostas feitas por professores nas escolas, não se limitam apenas a meros juízo de valor, como, por exemplo, dizer que tal personagem é bom ou ruim. De modo infinitamente mais complexo (e daí a importância de de um trabalho efetivo com as imagens), há que se levar em conta a linguagem com que operam os materiais: os ângulos, os cortes, os sons, a iluminação, a construção da narrativa. Referente a este trabalho, de modo mais direto, isso corresponde a ultrapassar a concepção de que a análise se resume em fazer com que se entenda que o racismo não é aceitável; muito além disso, trata-se, sim, de pensar a partir do material fílmico como está expresso o racismo *imagicamente* e como ele é sustentado por aquele material (em termos argumentativos e, como dito, imagéticos).

Por fim, destaco a produtividade de pensar cinema e educação pelo viés da alteridade (MARCELLO e FISCHER, 2011). A partir da narrativa, o olhar do espectador é conduzido a olhar segundo o outro, ou seja, na construção da narrativa fílmica há, de certo modo, o convite a uma mudança de perspectiva que nos faz olhar para o outro ou a partir do outro.

2.2 Discussões sobre as relações étnicos raciais

Como parte constitutiva de qualquer discussão que tome como base as relações étnico-raciais, é imprescindível levar em consideração e ter domínio de alguns conceitos que sustentam historicamente as relações desiguais entre os diferentes grupos étnicos na sociedade brasileira.

A percepção de que as relações étnico-raciais no Brasil encontravam-se no estado de uma democracia racial – ou seja, de que “o Brasil era visto como um paraíso racial, uma terra onde as relações entre negros e brancos eram harmoniosas e sem nenhum tipo de discriminação entre eles” (SILVA e TOBIAS, 2016, p. 179) –, perdurou por muito tempo (e, de algum modo, ainda pode ser vista até hoje). A crítica dessa percepção encontrava-se, em grande medida, apoiada em ideias de Gilberto Freyre, desenvolvidas em *Casa-Grande e Senzala*, obra seminal para a problematização de uma ideia “romântica” da mestiçagem.

Segundo Ribeiro (2019), as concepções de Freyre (1933) permitiram a construção de novos argumentos para o enfrentamento do mito de que os conflitos raciais haviam sido transcendidos pela harmonia entre negros e brancos, expresso na ausência de leis segregadoras e pela miscigenação. Algumas ideias defendidas por ele foram consideradas, até certo ponto, inovadoras, pois, em determinada medida, elas iam de encontro a teses defendidas pelas pseudociências da época, que legitimavam o racismo por meio de teorizações vinculadas à biologia (ibidem).

Em meados dos anos 1950, a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura (UNESCO) promoveu um conjunto de pesquisas no Brasil com a intenção de coletar materiais científicos sobre as questões de raça. O racismo baseia-se em relações de poder, que acaba por privilegiar alguns e subjugar outros, a UNESCO, assim como boa parte da população acreditava que no Brasil não havia relações de poder, pois se entendia que as diferenças geradas pela escravidão haviam sido superadas. Segundo Silva e Tobias (2016), as pesquisas realizadas pela UNESCO, no entanto, contrariaram as expectativas criadas, pois, com elas e a partir dos dados obtidos, foi possível mostrar que o racismo estava

fortemente presente nas relações étnico-raciais brasileiras, muitas vezes de forma invisibilizada para a população de pele branca.

Apesar dessas pesquisas terem contestado a concepção de igualdade racial, e terem, portanto, reafirmado a presença do racismo no Brasil, isso não fez, obviamente, com que negros e brancos automaticamente passassem a ter os mesmos direitos (segundo garantido perante a lei), nem as mesmas oportunidades. Por certo, mesmo hoje, “nascer negro ou mulato no Brasil significa nascer em famílias de baixo status econômico, e as probabilidades de ascender socialmente são consideravelmente menores para os negros do que para os brancos da mesma origem social” (SILVA e TOBIAS, 2016, p. 186) – em conjunto, isso se deve à valorização histórica do estereótipo de branquitude.

Também conceituada como “branquitude normativa”, a supervalorização de pessoas que tenham a pele branca e traços característicos de populações européias (também em seus estereótipos, como os olhos azuis, cabelos loiro e lisos), se mostra “como característica hierarquizante das mais arraigadas e que atua de forma a construir o branco como norma e grupos racializados – no caso brasileiro, especialmente, negros e indígenas – como ‘outros’” (SILVA e SOUZA, 2013, p. 40).

Durante um longo período na história do Brasil, o negro foi (e ainda é) considerado inferior ao branco. No primeiro momento, esse raciocínio baseava-se, e muito, em afirmações religiosas: a igreja católica pregava que o negro não possuía alma, por exemplo. No decorrer do tempo, a ciência, em alguma medida, assumiu o lugar da igreja no sentido de propagar a “verdade”, tornando possível a disseminação de teses enganadoras, baseadas em pseudociências que sustentavam uma inferioridade negra. Segundo Fernandes (1965), essas teses apontavam que isso ocorria porque os brancos eram biologicamente superiores, melhores desenvolvidos mentalmente e que a cultura, assim como as formas de organização da vida em sociedade propostas pelos brancos, era mais avançada em relação ao restante dos grupos étnicos. Como os autores que defendiam essas teses utilizavam-se da “ciência” para justificar sua opinião, ela se manteve por muito tempo, até que a própria ciência pudesse superá-la.

Ainda nos dias de hoje, vale ressaltar que, sendo um tema que aborda a diferença, existem algumas concepções equivocadas em torno do conceito de

democracia racial, e mesmo desacreditadas no ambiente acadêmico. Muitas vezes, ainda hoje se tem dificuldade em visualizar a maneira como o racismo se configura estruturalmente no Brasil. Pode-se dizer que, em grande medida, isso se deve ao fato de que, na transição da sociedade de escravocrata para a sociedade de classes, as mudanças na estrutura escravista não acompanharam, no mesmo ritmo, as mudanças na estrutura social e

no desejo de prevenir supostas tensões raciais que poderiam surgir no pós-abolição e assegurar um meio eficaz de integração social dos negros na sociedade, fecharam-se todas as portas que poderiam colocar os negros na área dos benefícios diretos do processo de democratização dos direitos e garantias sociais (SILVA e TOBIAS, 2016, p.184).

A partir desse tipo de seleção feito no período pós-abolição, a delimitação do lugar do negro na sociedade só se reforçou, precarizando ainda mais as condições de vida da população negra, que já se encontrava em extrema vulnerabilidade. Naquele momento, “senhor e escravo se metamorfosearam, respectivamente, em branco, e em negro e mulato” (SILVA e TOBIAS, 2016, p.183). Mais do que isso,

a transição da sociedade escravocrata para a sociedade de classes não foi capaz de promover mudanças significativas que desorganizassem o sistema de relações sociais característico da escravidão. Com isso, não foi possível fazer com que cor deixasse de ser vista como símbolo de posição social e referência com o poder de gerar expectativas de comportamento ou de promoção de direitos e deveres recíprocos nas relações sociais (SILVA e TOBIAS, 2016, p. 180).

Com base nos trabalhos de Nogueira (1985) pode-se dizer que o preconceito racial se expressa, pelo menos, de duas formas: pelo preconceito racial de origem e pelo preconceito racial de marca.

Para o autor, o preconceito racial de origem se dá por meio da permanência da segregação racial: ele age de maneira que, independente da classe social ou do fenótipo do indivíduo, o sujeito não pode frequentar certos espaços ou tem localidades específicas para tanto. Ou seja, não haveria aqui uma transição ou mistura entre negros e brancos, deixando explícita a ação discriminatória.

Na sociedade brasileira, no entanto, o preconceito se manifesta, especialmente, no que é definido como preconceito racial de marca, que se afirma nas marcas de negritude que um sujeito possui, isto é, o quanto mais retinta for a

pele de um sujeito, e o quanto mais traços étnico-raciais negros (como cabelo crespo, nariz largo ou arredondado) possuir, mais “negro” o sujeito é considerado, independente da sua origem

No caso do preconceito racial de marca, as possibilidades de ascender socialmente, bem como a probabilidade de ser discriminado racialmente dependem da quantidade de traços étnicos negros, isto é, quanto “mais negro” o sujeito for, maiores serão as barreiras para ocupar espaços socialmente privilegiados – sabendo que se considera que a cor da pele, o cabelo, a cor dos olhos, entre outros traços físicos estabelecem, nessa perspectiva, o “grau” de negritude no indivíduo. Nessa organização social, a classificação de quão negro o sujeito é determina diretamente as possibilidades e chances de o sujeito realizar (ou não) uma ascendência individual de classe social e mesmo as expectativas da sociedade em relação a ele. Romper essa lógica é extremamente difícil, já que se deve reconhecer que é histórica essa construção de superioridade branca.

A partir das lutas do movimento negro, de pesquisas e, ainda, de uma certa pressão internacional, após muitas décadas, mais precisamente em 1969, que “com a entrada em vigor no Brasil da Convenção Internacional sobre a Eliminação de todas as Formas de Discriminação Racial, que se introduziu, pela primeira vez no ordenamento jurídico brasileiro, a figura da *discriminação positiva*” (BAEZ, 2017). A criação e implementação desses dispositivos, em várias dimensões da sociedade, marca um novo período. No entanto, não se pode afirmar que, em razão da implementação de ações afirmativas, todos os cidadãos conseguiram compreender a importância de tal sistema como iniciativa de compensação. É importante destacar, nesse processo, que “o Estado não só autorizava a exclusão como foi pródigo em legitimá-la” (FILHO, 2006, p.15).

3) Metodologia

A metodologia utilizada neste trabalho é a análise fílmica. Tal análise buscará dar conta de algumas composições presentes nas narrativas fílmicas que explicitem tensionamentos étnico-raciais. Para esse trabalho foram selecionados três curta-metragens que têm a temática racial como central, são eles: *Pode me chamar de Nadí*, *Cores e botas* e *Ana*. Neste trabalho as análises foram produzidas especificamente a partir do conteúdo dos curta-metragens.

3.1 Pode me chamar de Nadí

O curta-metragem *Pode me chamar de Nadí* foi escrito e dirigido por Déo Cardoso, e disponibilizado na plataforma de compartilhamento de vídeos Youtube em outubro de 2013. Ele apresenta a história de uma menina negra que utiliza um boné para esconder seus cabelos. No entanto, ao final, acontecem alguns eventos que mudam a percepção de Nadí em relação a si e a seu cabelo.

Certo dia, Nadí estava folheando uma revista que havia trazido de casa. Nela, muitas imagens de mulheres, todavia, eram todas brancas e de cabelos lisos. Enquanto a menina olhava para as imagens da revista (com um olhar de admiração), alguns meninos passaram correndo e arrancaram a revista das mãos de Nadí, bem como o boné que a menina usava para esconder seus cabelos. Então, depois de correr atrás dos meninos por algumas ruas, buscando recuperar seu boné, Nadí pegou uma pedra que estava no caminho e jogou com a intenção de acertar os meninos, porém a pedra acertou um carrinho de venda ambulante de tapioca. O tapioqueiro ficou furioso com a atitude da menina e, como os meninos haviam jogado seu boné próximo ao carrinho, o tapioqueiro pegou o boné da menina, pegou-a pelos braços e a sacudiu.

Nadí conseguiu se soltar dos braços do tapioqueiro, no entanto, o boné ficou com o homem. A menina decidiu voltar para casa e, no caminho, ela encontrou sua revista. Ao chegar em casa, Nadí pediu que seus irmãos emprestassem um boné a ela, mas eles a ignoraram. Como não obteve auxílio dos irmãos, Nadí procurou algo para colocar na cabeça e encontrou um lenço. A menina foi até a pia, molhou seus cabelos e colocou o lenço amarrado da cabeça. Nadí pediu a seus irmãos que a

acompanhassem até o carrinho do tapioqueiro, para que ela pudesse buscar seu boné, mas eles a ignoraram novamente. Nadí, então, foi ao encontro de uma amiga, e pediu que a amiga fosse com ela até o tapioqueiro, entretanto, a amiga não se mostrou interessada – o que fez com que Nadí fosse em busca de outra ajuda. Nadí pediu ajuda para alguns meninos que estavam jogando futebol. Nesse grupo, se encontrava o menino que pegou seu boné, alguns meninos caçoavam e gargalhavam dela por estar usando o lenço. Quando ela percebe que não obterá ajuda nesse grupo, ela vai até uma parada de ônibus próxima do carrinho do tapioqueiro. Assim, Nadí se aproxima de uma senhora branca que está sentada na parada. A senhora, olha Nadí com um olhar de reprovação, se levanta e vai embora – talvez por acreditar que a menina lhe pediria dinheiro. Por Nadí ser negra, a senhora não quis sequer escutar o apelo da menina. Logo depois que a senhora foi embora, chega Laila, uma jovem mulher negra com seus cabelos soltos e que aparenta ser de classe média. Laila começa a se maquiar e Nadí aproxima-se dela, admirada. Assim que Laila percebe que a menina lhe olha curiosa, ela conversa com Nadí e faz uma rápida maquiagem na menina.

A menina pergunta a Laila se ela é modelo, e Laila assente. Então, Nadí afirma que também tem esse desejo, mas que isso não é possível. Laila contesta e Nadí pergunta a Laila porque as modelos da televisão andam de carro e se isso tem alguma relação com o fato de que o cabelo das modelos da televisão ser liso. Laila explica a Nadí que o cabelo liso é mais comum, porém o cabelo crespo também é lindo. Laila pede para Nadí que tire o lenço, e ela diz que só irá tirar se Laila buscar o boné que está com o tapioqueiro (o que faz a menina explicar o ocorrido para Laila).

Assim que Laila retorna com o boné, Nadí tira o lenço e Laila elogia o cabelo da menina, incentivando Nadí a usá-lo solto. Laila dá-lhe uma flor para colocar nos cabelos e, nesse momento, seu ônibus chega, fazendo com que ela vá embora. Ao retornar para casa, Nadí deixa o boné cair em uma avenida movimentada, mas ela não retornou para buscá-lo, pois percebe que ele não seria mais necessário.

3.2 Cores e Botas

O curta-metragem *Cores e botas*, escrito e dirigido por Juliana Vicente, apresenta a história de Joana, uma menina negra que estuda em uma escola da rede privada e pertence a uma família de classe alta. Joana tem o sonho de ser Paqueta, porém, após um teste justamente para ser Paqueta, ela percebe que, apesar de sua família a empoderar para se orgulhar de ser negra e ir em busca de seus sonhos, a sociedade ainda é racista e permanece com o padrão branco.

Joana assiste a todos os programas da Xuxa e usa diferentes pares de bota todos os dias. Logo que a menina chega da escola, ela ensaia a coreografia das Paquetas, acompanhada da gravação em seu vídeo-cassete. Certo dia, divulga-se na escola que haverá um teste para tornar-se uma Paqueta. A menina fica muito empolgada e convida sua única amiga para realizar o teste com ela. A amiga, porém não sabe a coreografia, mas Joana diz a ela que pode lhe ensinar.

Quando estão na fila para realizar sua inscrição do teste, todas as meninas riem de Joana – já que, definitivamente, ela não se enquadra no perfil de Paqueta. Uma menina chega perto dela e lhe pergunta se sua mãe havia deixado que ela se inscrevesse. Joana afirma que sim, ao que a menina lhe diz que ela não se parece com uma Paqueta.

No momento da inscrição, a mulher encarregada dos registros pergunta a Joana se ela deseja ser Paqueta. Joana assente e a mulher pergunta a ela, em tom irônico, se é possível que existir uma “Paqueta exótica”.

Ao retornar para casa, Joana ensaia enquanto a família almoça. Nesse momento, o irmão de Joana, Eduardo, fica irritado, afirmando que a menina não irá conseguir ser aprovada no teste e que a família não deveria incentivá-la. Joana estava dançando em frente do espelho, quando toca em seus cabelos crespos; observa Xuxa na imagem e vai em busca de água e papel crepom amarelo. Com a demora de Joana para ir almoçar, sua mãe vai até seu quarto. Assim que chega lá, encontra Joana com os cabelos molhados e pedaços de papel crepom amarelo espalhados pelo chão. A mãe sai do quarto irritada com a atitude de Joana, até que a empregada vem auxiliar a menina a limpar seus cabelos.

No dia seguinte, todas as meninas inscritas se reúnem em uma sala para um teste. Elas serão avaliadas por três mulheres. Dentre as concorrentes, a única menina negra é Joana – o que faz com que as meninas riam dela novamente. Durante as apresentações, as avaliadoras não esboçam muitas expressões, mas, ao fim da apresentação de Joana, uma delas mostra-se feliz, enquanto as outras duas aparentam bastante impaciência.

Ao anoitecer, saem os resultados e tanto Joana quanto sua amiga retornam da sala desanimadas. A mãe da amiga de Joana diz a elas que elas não devem ficar tristes por não terem sido selecionadas, pois elas poderão apresentar outro espetáculo. No entanto, a menina conta a sua mãe que ela, sim, foi aprovada, sendo que fora Joana que a ensinou a coreografia.

Após o teste e o resultado, a família vai jantar em um restaurante. A mãe de Joana dá um disco de vinil da Xuxa de presente para a menina, que agradece, mas afirma que não poderá ser uma Paqueta, pois não é loira. Seus pais a encorajam novamente, afirmando ter sido aquele apenas um teste e que, se ela trabalhar duro e tiver muita sorte, alcançará seu sonho. Imediatamente, Eduardo os interrompe, dizendo a eles que ela não será Paqueta; ele acrescenta e pergunta aos pais e à menina se não percebem que elas (as Paquetas) não são “assim” (negras). Porém, ao olhar ao redor nota-se que, mais amplamente, eles são os únicos negros no local.

Na volta para casa, Joana pega uma câmera fotográfica e começa a tirar uma série de fotos. Quando entram em casa, Eduardo sente falta da irmã e vai atrás dela. Ele vê que Joana está jogando todos os pares de botas no lixo. Joana explica a ele que para ser fotógrafa não precisa de botas, dando a entender que a menina mudara de “profissão”.

3.3 Ana

O curta-metragem *Ana* foi produzido nas Oficinas Querô. Ele foi disponibilizado na plataforma de compartilhamento de vídeos Youtube em 2017 e retrata no contexto escolar a mudança na forma como Ana, uma menina negra, se afirma etnicamente. Inicialmente, a menina se retratava, por meio de desenhos, como branca, e usava seus cabelos presos. Depois que conheceu Janete, a menina passou a agir diferente em relação a si mesma.

O curta se inicia com a contratação de uma nova faxineira para uma escola, essa faxineira é Janete, uma mulher negra, imigrante do Congo refugiada no Brasil. A coordenadora pede a outra faxineira, Marisa, que explique a ela sobre o funcionamento do cargo. Marisa explica para a colega, porém, pelo fato de que Janete tem algumas inferências do francês (sua língua materna), Marisa fala com Janete como se ela não entendesse o que desejava comunicar.

Certo dia, a professora de Ana, pede à turma que todos façam um autorretrato e que desenhem o que eles consideram ser suas partes mais bonitas. Ao saírem da sala, os alunos vão para o pátio e alguns colegas perseguem Ana, a empurram e a ofendem dizendo que seu cabelo é “duro e ruim”. Janete, que estava observando a cena de longe, vai atrás da menina assim que ela corre para o banheiro para fugir dos colegas. Quando Ana estava olhando-se no espelho e passando as mãos molhadas em seus cabelos para arrumar os fios que haviam se desprendido do restante que estava muito bem preso, Janete, que havia chegado ao banheiro, tentou soltar o cabelo da menina, o que fez que Ana corresse para fora do banheiro.

Momentos depois, enquanto Janete está limpando uma sala de aula, ela começa a recordar sua experiência como professora em seu país de origem. Logo, Janete recebe uma ligação de algum familiar e explica a ele que tem sido difícil morar no Brasil, mas que conseguiu um emprego em uma escola, porém como faxineira e não como professora.

No dia seguinte, Ana entrega o autorretrato à professora, que afirma que aquela não era ela, pois se trata de um desenho de uma boneca branca, de olhos azuis, cabelos loiros e lisos. Ana afirma que é ela, sim, e a professora insiste que o desenho não se parece com a menina. Ana reafirma ser ela representada no desenho, então, a professora diz a ela que não irá expor seu desenho daquela forma. Ana pega seu desenho irritadamente e, após a aula, vai até a biblioteca e pinta com um tom de marrom a pele da boneca; depois contorna os olhos azuis com um lápis preto. Nesse momento, Janete chega na biblioteca e, ao ver o desenho da menina, senta ao seu lado e faz um autorretrato seu. O desenho de Janete chama a atenção de Ana, que pergunta a ela se aquele desenho a está representando, pois trata-se de uma boneca com os cabelos crespos. Ana e Janete conversam por

alguns minutos e Janete conta para a menina que veio do Congo, que fica na África e por isso fala francês. Janete diz a ela que era professora lá e ensina algumas palavras em francês para Ana, que fica encantada.

Janete solta seus cabelos e pede a Ana que solte os seus também. Assim que a menina solta seus cabelos, Janete elogia-os dizendo que os cabelos de Ana são lindos e que deveriam ficar sempre soltos. Nos dias a seguir, Ana vai à escola com os cabelos soltos. A menina convida suas colegas para conversar com Janete e aprender algumas palavras em francês. Por conta da atenção que dá às crianças, Janete é chamada pela diretora para lembrá-la que sua ocupação é a limpeza.

Ao fim do dia, quando Janete está no vestiário, Ana vem até ela e lhe entrega um desenho com duas bonecas negras de cabelo crespo e diz a ela que, no desenho, estão representadas ela e Janete. No momento em que as duas estão saindo, Ana olha para Marisa, que está prendendo seus cabelos crespos e diz a ela que também ela deveria deixar seu cabelo solto, pois fica mais bonito.

4) Análises

As análises estão divididas em dois eixos. Obviamente que ambos possuem uma forte relação entre si, mas, por questões de organização, eles serão divididos. O primeiro eixo a ser apresentado tem sua argumentação voltada diretamente para a questão da cor e do preconceito; o segundo eixo a ser apresentado diz respeito à representatividade, bem como ao reconhecimento e empoderamento das meninas negras apresentadas nos curtas.

4.1 Primeiro eixo de análise

4.1.1 Diferença que incomoda

Já de início, podemos dizer que, nos materiais analisados, e em relação ao primeiro eixo de análise, há uma intenção notória, por parte dos personagens brancos, em explicitar seus privilégios em função de sua cor. Além disso, propositadamente, a forma como esses personagens manifestam suas práticas racistas é baseada na branquidade normativa, sobretudo por reforçarem suas características como a norma e, com efeito, o lugar do negro como o outro que difere. A diferença, nesse caso, não é considerada como alteridade, ou seja, os brancos não vêem os negros como indivíduos diferentes, com os quais, na vertente social, eles possuem uma relação de dependência e interação. A diferença aqui seria o que legitima o negro como se subjugado, perseguido e humilhado justamente por ser negro. Ao mesmo tempo, “a cordialidade, por meio do não-dito racista, faz com que a discriminação social não seja atribuída a *raça*, que seja vista como episódica e marginal, subjetiva e idiossincrática” (MOTTA e PAULA, 2019, p. 8).

As imagens abaixo expressam dois desses momentos: na primeira imagem, Joana está em um teste para Paqueta (dançarina do programa da Xuxa). Devido ao fato de que todas as Paquetas são brancas, loiras e têm os cabelos lisos, suas colegas riem dela (aparentemente entende-se que é por não possuir o estereótipo de Paqueta e ainda sim querer realizar o teste). Na segunda imagem, Ana está sendo perseguida e insultada por seus colegas por conta de seu cabelo.



(Recorte do curta-metragem Cores e Botas)



(Recorte do curta-metragem Ana)

Além do olhar dos sujeitos brancos, que já é discriminatório por si só, o ato racista vem acompanhado de risadas e comentários depreciativos no tocante ao

cabelo crespo. No caso do curta-metragem Ana, por exemplo: “ih! cabelo duro” e “olha só esse cabelo”.

Nas imagens do curta, vemos que o preconceito direcionado ao cabelo não se baseia só no cabelo, mas é motivado por questões mais amplas. Ana e Joana foram discriminadas, pois são negras e, portanto, estão fora do padrão estético aceito, sendo que “numa sociedade como a brasileira, de herança escravocrata, pessoas negras vão experienciar racismo do lugar de quem é objeto dessa opressão. Pessoas brancas vão experienciar do lugar de quem se beneficia dessa mesma opressão” (RIBEIRO, 2019, p. 85). Ter o cabelo crespo e a pele negra dizem sobre quem é esse sujeito, assim sendo, a discriminação não se direciona ao cabelo por si só, mas a uma característica que classifica o indivíduo como negro.

Apesar de haver responsabilidade por parte do sujeito branco em reconhecer seus privilégios e lutar contra o racismo, é importante ressaltar que não é “o eu colonialista (o homem branco) nem o outro colonizado (o homem negro) que deve interessar em si, mas a distância perturbadora entre os dois. É esse distanciamento que constitui a figura da autoridade colonial a ser superada/minorada com ações educativas anti-racistas” (MOTTA e PAULA, 2019, p. 4).

4.1.2 A relação entre racismo e colorismo

Ainda em relação ao primeiro eixo de análise (que tem a questão da cor como proeminente), serão abordados conceitos que, de algum modo, sustentam a escolha das protagonistas. Os três curtas selecionados para a análise foram produzidos no Brasil, um país marcado pela miscigenação. No entanto, importa aqui refletir sobre o apagamento da problemática do *colorismo*, e qual suas implicações.

Colorismo, ou pigmentocracia, são os termos criados para nomear a condição de que quanto mais escura for a pele de um sujeito negro, mais discriminado ele será. Além da condição da cor da pele, no caso do Brasil, também há outros elementos que fazem com que o sujeito possa sofrer mais racismo, como o caso do cabelo crespo e do nariz largo ou arredondado, dentre outras características.

Em virtude dos processos colonizadores, e de movimentos de branqueamento ocorridos no Brasil, a população mostra-se fortemente miscigenada.

Atualmente, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE - 2015), 45,06% da população brasileira é parda - cabe aqui ressaltar que a classificação parda é referente à cor, e não à raça ou etnia, portanto, o pardo é uma das classificações pertencentes à raça negra.

Com base na perspectiva eugenista, surge a ideia de que além de características físicas, aptidões artísticas e intelectuais eram herdadas dos pais e que, nesses aspectos, os brancos eram superiores. O movimento eugenista no Brasil teve seu auge nas primeiras décadas do século 20, propagando um discurso que pregava que a melhoria da sociedade aconteceria por meio de seu branqueamento.

A miscigenação encontra-se como uma estratégia de fortalecimento desse processo: ainda nos dias de hoje, em muitos casos, por exemplo, os negros de pele mais clara são chamados de “morenos” ou “mulatos”. De certa forma, ser “moreno” ou “mulato” suaviza a marca de negritude, assim como ter os cabelos lisos, os olhos claros, entre outras características. Esse sentido se expressa até mesmo nas palavras, como, por exemplo, na palavra “denegrir”, que significa fazer ficar mais negro, tornar mais escuro, mas que é utilizada no sentido de difamação, de tornar a imagem de algo/alguém ruim.

Aqueles que se encontram distantes do padrão de “estética eurocêntrica e eurocentrada que elegeu [...] não somente as características europeias, mas os traços nórdicos, o apreço e hipervalorização de, além da pele clara, cabelos os mais loiros e olhos os mais claros” (SILVA e SOUZA, 2019, p.43) sofrem algum tipo de preconceito. Como já referido, no contexto brasileiro, o preconceito é de *marca*, portanto, o quanto mais distante desse ideal um sujeito estiver, mais discriminado ele será. Mais precisamente, seu fenótipo é um fator determinante no processo discriminatório, independentemente da classe social a que o indivíduo pertença.

Com base na relação direta entre o racismo de acordo com a pigmentação da pele do sujeito, é possível enxergar o peso que possui declarar-se negro na sociedade brasileira. No limite, é possível dizer que, por conta da *passabilidade*, isto é, por terem herdado características brancas de seus pais, os sujeitos pardos, ou mestiços, em determinados espaços, não são vistos como negros, portanto, não sofrem tanto racismo. Os sujeitos pardos ou mestiços são consideravelmente menos

discriminados que aqueles negros de pele escura e, muitas vezes, sequer se reconhecem como negros. Segundo Spartakus Santiago, Youtuber do movimento negro, cujos debates sobre o tema ganharam forte projeção nacional, sobretudo entre o público jovem, em seu vídeo “O pardo é negro? - Colorismo, Passabilidade, Eugenia: O que é ser negro de pele clara no Brasil”, “quem é pardo tem a pele escura demais pra poder ter o privilégio branco, mas tem a pele clara o bastante pra poder ter vantagem em relação a racismo que os negros escuros sofrem” (2019).

Um dos elementos que podemos destacar em relação ao curtas analisados e as discussões aqui feitas refere-se à própria escolha dos personagens protagonistas, baseada na seleção de três meninas que não possuem nada de passabilidade, dado que todas elas têm o cabelo crespo, o nariz largo ou arredondado e tons de pele mais retintos, fazendo com que, nas narrativas, elas sejam mais discriminadas do que crianças pardas, pelo fato de não possuírem nenhuma característica que as aproximem da norma branca.

Abaixo estão as imagens das três protagonistas dos curtas: Nadí, Joana e Ana.



Uma das faxineiras do colégio apresentado no curta-metragem *Ana*, chamada Marisa, não se considera como negra devido a sua parcela de passabilidade, visto que ela tem o cabelo crespo, entre outras características, porém seu tom de pele é mais claro do que o de Janete, a nova faxineira da escola.



Na imagem acima vemos uma das situações em que Marisa, de forma discriminatória, diz a sua colega que ela deve prender os cabelos. É importante compreender que não deve se direcionar a culpa por Marisa não se reconhecer como negra a ela mesma, mas à sociedade que impôs um padrão de beleza eurocêntrico. Além do racismo ocasionado pelo fato de que a pele de Janete é mais retinta, há outro fator que soma ao preconceito sofrido por Janete: ela é uma refugiada.

4.2 Segundo eixo de análise

4.2.1 A falta de representatividade

O segundo eixo de análise tem como objetivo pensar nos efeitos da falta de representatividade negra e, para tanto, serão abordadas questões que constituem esse panorama, considerando as narrativas sobre as três meninas negras que protagonizam os curtas.

Em primeiro lugar, destaco que, assim como em outros espaços privilegiados de poder, há uma hegemonia branca em função dos diversos movimentos de romper com esse sistema, mas a porcentagem de negros que ocupam altos cargos é insignificante em relação aos brancos com a mesma formação. O mesmo pode se afirmar que acontece com os atores que compõem o elenco das novelas e as pessoas que escrevem nos jornais e revistas populares, bem como as imagens veiculadas nesses materiais.

Na turma de Ana, por exemplo, ela é a única criança negra e as figuras negras que aparecem dentro da escola são faxineiras. Essa afirmação não tem o objetivo de menosprezar tal ocupação, mas de salientar que os negros do curta-metragem, bem como os negros na sociedade em geral, ocupam majoritariamente os cargos de menor prestígio social. A estrutura que manteve e que, de certa forma, ainda mantém o negro nesses cargos é baseada no racismo, que também é sistêmico. Na imagem abaixo, Joana está admirando sua colega: a menina possui o estereótipo da branquidade normativa.



É imprescindível que se tenha compreensão de que crescer em uma sociedade que discrimina e desvaloriza as características que um indivíduo possui, faz com que assumir e orgulhar-se dessas características se torne muito difícil.



Na imagem acima, Nadí olha as mulheres brancas e de cabelos lisos da revista com certa admiração, enquanto se utiliza de um boné para tentar esconder seu cabelo, que não ganha nenhuma representatividade entre as mulheres que estão na revista.

O mesmo sistema que promoveu e promove o branco a uma posição de poder, de um padrão de beleza e de referência, coloca, com efeito, o negro na outra extremidade.

Nas duas imagens abaixo, vemos o momento em que Joana (do curta-metragem *Cores e Botas*), após se inscrever no teste para ser Paquita, e percebendo que todas as Paquitas, assim como Xuxa, tinham cabelos lisos e loiros e que o seu cabelo não era como o delas, ela tenta alisar e tornar seus fios loiros. O Programa da Xuxa configurava-se como um programa de televisão fortemente marcado por um elenco que expressa a branquidade normativa.





No curta-metragem *Ana*, do coletivo Querô, há um momento de extrema tensão: após a professora de Ana pedir que os alunos fizessem um desenho de autorretrato, a menina desenhou a si mesma como a colega loira e branca a qual ela admira (imagem já apresentada acima). Quando Ana entrega o desenho, sua professora diz a ela que aquele a boneca desenhada não lhe representa, porém Ana ainda afirma algumas vezes que lhe representa sim. Pode se ver o desenho na imagem abaixo, com a pele branca, cabelos lisos e olhos azuis, de maneira que não se parece em nada com Ana.



Com a insistência da professora de que aquele desenho não será considerado, a menina retorna para sua classe e pinta com um lápis marrom por cima da pele branca, buscando escurecer um pouco a pele da boneca e faz um contorno nos olhos, mas o cabelo permanece representado loiro e liso. A falta de representatividade no contexto escolar se manifesta diretamente na forma como a menina se percebe - como visto na imagem abaixo, mesmo após a intervenção da professora.



4.2.2 Outra figura reafirmando a identidade negra

No momento em que Nadí, do curta-metragem *Pode me chamar de Nadí* está na parada e encontra Laila, elas têm o seguinte diálogo:

Nadí: Tu é modelo é, vai desfilas, é?

Laila: Sou, sim.

Nadí: Eu também queria ser modelo, mas não dá.

Laila: Por que não dá Nadí? Tu é tão linda!

Nadí: (nega com a cabeça) Deve ser massa né, ser modelo.

Laila: Ah, é, às vezes.

Nadí: Mas se tu é modelo, por que tu ainda anda de ônibus?

Laila: Porque na verdade ainda sou estudante e ser modelo é só um bico.

Nadí: E aquelas modelos da televisão, tudo de carrão, avião, é porque cabelo delas é liso?

Nadí se sente inferiorizada por ser negra e não se sentir representada pelas modelos, considerando-se feia por estar fora do padrão de beleza eurocêntrico. Laila consegue convencer a menina a tirar o pano de sua cabeça, e diz a ela “como teu cabelo é lindo, sabia? Teu cabelo é muito lindo, tu devia usar ele sempre solto”, Laila coloca um enfeite no cabelo de Nadí, e diz a ela: “tu é a modelo mais bonita do mundo, mulher!”. A partir desse momento, o referencial de beleza de Nadí muda, pois ela encontrou uma mulher negra que possui as mesmas características que ela e é modelo; uma mulher que a empodera para orgulhar-se de seu cabelo, que é diferente do padrão, e é lindo. Menos do que destacar da narrativa fílmica a possibilidade de uma mudança radical apenas por um gesto, importa aqui sublinhar o destaque dado à sororidade, ao movimento de apoio e acolhimento entre duas mulheres/meninas.

No curta-metragem *Ana*, depois que a protagonista é contestada pela professora ao apresentar o desenho de uma boneca branca, loira, de cabelos lisos e olhos azuis afirmando que o desenho lhe representa, a menina se dirige à biblioteca. Quando Ana está pintando a boneca com um tom de marrom, Janete entra na biblioteca e se senta ao lado dela. Ao observar o desenho que Ana havia feito, Janete se desenha, como pode ser visto na imagem abaixo.



Então, Janete solta seus cabelos e solta o cabelo de Ana, que também estava preso. Janete elogia o cabelo da menina e conta a ela que, na República

Democrática do Congo, Janete era professora e falava francês. Nos dias seguintes, Ana foi para a escola com seus cabelos soltos, afirmando (e não tentando apagar, como fazia anteriormente) sua identidade negra. A menina também passou a ter um outro olhar para Janete, e inclusive convidava algumas colegas para se aproximarem da faxineira, que lhes ensinava algumas coisas.

Ao fim do curta, Ana diz para Marisa (a faxineira mais antiga) que ela não deveria prender seus cabelos, pois “fica mais bonito solto”, incentivando Marisa a assumir sua identidade, e reiterando que ela se sente orgulhosa das características que a compõe.

4.3 Recorte de racismo e machismo: interseccionalidade

Nos três curtas selecionados, as protagonistas são do sexo feminino, portanto, ao realizar as análises, é necessário levar em conta, que há um recorte de gênero.

Dentro do movimento feminista, há o que se denomina de *interseccionalidade*, isto é, um recorte dentro do movimento feminista que tem seu foco em considerar os diferentes sistemas de opressão e que articulam gênero, classe e raça. É dentro do conceito de interseccionalidade que se encontra o feminismo negro. Portanto, “pensar a interseccionalidade é perceber que não pode haver primazia de uma opressão sobre as outras e que é preciso romper com a estrutura. É pensar que raça, classe e gênero não podem ser categorias pensadas de forma isolada, porque são indissociáveis” (RIBEIRO, 2018, p.123).

Historicamente, as reivindicações das mulheres negras não são as mesmas que as das mulheres brancas, por isso, além de pensar em feminismo, abarcando todas as mulheres, é imprescindível que se tenha um olhar mais sensível e atento para compreender que as mulheres possuem singularidades e quais são elas – elemento decisivo nos filmes, tal como ressaltado no último eixo de análise.

Por muito tempo, a questão do feminismo negro ficou invisibilizada. Segundo Ribeiro (2018, p. 53), mesmo nos dias de hoje “existe ainda, por parte de muitas feministas brancas, uma resistência muito grande em perceber que, apesar do gênero nos unir, há outras especificidades que nos separam e afastam”.

Da mesma forma que mulheres negras reivindicavam direitos que não eram pertinentes para as mulheres brancas, como referido, e apesar de todas serem mulheres e participarem (direta ou indiretamente) da luta feminista, ainda assim há diferenças, pois elas são brancas e, portanto, por exemplo, não sofrem com o racismo. Nessa perspectiva, e considerando ainda a questão de gênero, é fundamental atentar para o fato de que homens negros, apesar de serem negros, são homens e, portanto, não sofrem com o machismo. Levando em consideração o *status* oscilante que mulheres brancas e homens negros possuem, em relação à mulher negra, segundo Grada Kilomba (apud RIBEIRO, 2018), "por não serem brancas nem homens, as mulheres negras ocupam uma posição muito difícil na sociedade supracista branca. Representamos uma espécie de carência dupla, uma dupla autoridade já que somos a antítese de ambos, branquitude e masculinidade. Nesse esquema, a mulher negra só pode ser o outro, e nunca a si mesmo"

Em relação ao curta *Nadí*, enquanto Nadí pede ajuda a um grupo de meninos para recuperar seu boné, um deles diz a ela: "e esse pano aí, só quer ser a mulher do Bin Laden" e todos riem. Essa frase só faz sentido e se torna "engraçada" no contexto da narrativa, pois se trata de uma "piada" racista e machista, já que se refere ao pano na cabeça de Nadí e também à condição de que, por ela ser uma menina, desejava ser a "mulher" de alguém.



5) Conclusão

Este trabalho é resultado da busca pessoal por uma identidade, a autodeclaração étnico-racial, que surge, como mencionado no início deste trabalho, com a tomada de consciência de que a classificação “parda” não se refere à declaração étnico-racial, mas somente à cor. Essa busca iniciou-se com algumas descobertas e indagações que aconteceram no decorrer do curso de Licenciatura em Pedagogia, e que se aprofundaram com as discussões da disciplina “Educação para as Relações Étnico-Raciais”.

Tendo em vista que, no cenário político atual, há certa negação na existência do racismo - postura que vem sendo apoiada até mesmo pelo Presidente da República - e a ocorrência sistemática de práticas que outrora eram repudiadas em âmbito nacional, torna-se extremamente pertinente a discussão sobre o racismo e como ele se configura. Neste sentido, encontra-se o objetivo deste trabalho, já que comprometido com a análise de como são apresentados alguns tensionamentos das relações étnico-raciais em três curta-metragens.

A escolha do material sendo obras fílmicas, se deve ao fato de que não há muitos materiais fílmicos acessíveis, que falem dessa temática voltados para o público infantil e que possam ser usados nas escolas.

Os três curta-metragens que foram brevemente apresentados e analisados são: “Pode me chamar de Nadí”, que traz a história de uma menina negra chamada Nadí, que usa os cabelos sempre presos por um boné. Certo dia acontecem algumas coisas que levam Nadí a conhecer Laila, uma jovem negra que incentivará a menina a ter orgulho de si mesma. “Cores e botas”, traz a história de Joana, uma menina negra de classe média alta, que sonha em ser Paqueta, ela faz um teste para realizar o seu sonho, todavia somente as meninas brancas são selecionadas, inclusive sua amiga a quem ela ensinou a coreografia para o teste, a partir da frustração que o teste lhe causou ela decide que será fotógrafa. Por fim, “Ana”, um curta-metragem o qual conta brevemente a história de Ana e Janete. Ana é uma menina negra, que não se reconhece como negra, usa seus cabelos sempre presos, e se inspira em uma colega branca, certo dia após fazer um autorretrato em que é uma menina branca de cabelos lisos e olhos azuis, Ana é encontrada por Janete,

uma refugiada do Congo, que realiza algumas intervenções e encoraja Ana a soltar seus cabelos.

Este trabalho aborda algumas discussões significativas sobre o cinema neste trabalho, segundo "Tópicos para pensar a Pesquisa em Cinema e Educação" (FISCHER e MARCELLO, 2011). Inicialmente é importante destacar que para se realizar pesquisa em cinema e educação não se pode reduzir a pesquisa há um simples relato do que as imagens apresentam ou buscar ver alguma verdade contida nas imagens pois, entende-se que não há nada além do que está de fato sendo apresentado. Portanto, as análises também não podem se basear em uma simples leitura das imagens, mas deve pensar as imagens sendo embasado em conceitos.

Porém, é imprescindível que se compreenda que o espectador venha a entregar-se e deixar-se ser conduzido pela obra, e recebê-la, assim como outras obras artísticas. Também é necessário destacar que os filmes tratam-se de um material singular, visto que possibilitam um ponto de vista único, e que as experiências com obras audiovisuais possuem elementos que as diferenciam de outros instrumentos.

Para refletir acerca das questões referentes às relações étnico-raciais foram utilizados alguns conceitos para contextualizar a situação atual dessa temática. Nos conceitos fundamentais para este trabalho se encontra a concepção de democracia racial, que se trata da compreensão equivocada de que no Brasil as diferentes raças e etnias se encontram em um mesmo nível e igualdade social. Bem como o conceito de branquidade normativa, que se trata de um padrão de ser humano que é idealizado, tendo como as características a pele branca, os cabelos loiros, lisos, e os olhos azuis. Também é essencial o conceito de preconceito racial de marca, que corresponde ao fato de que o quanto mais traços de origem étnico-racial negra um sujeito possuir, mais discriminado ele será.

Nas análises verificou-se que a forma como o racismo se expressa nos curta-metragens é de marca, tendo em vista que as meninas não possuem nada de passabilidade, isto é, elas não possuem traços como o cabelo liso, ou o tom de pele mais claro que pode, em determinadas situações e lugares lhe conferir privilégios destinados às pessoas brancas. Também pode se averiguar a relevância do empoderamento para as meninas negras apresentadas nos curtas, em virtude de

que elas não se reconhecem nos referenciais de representatividade dos grupo aos quais elas pertencem. Deve-se atentar que esse movimento de empoderá-las aconteceu com o suporte de mulheres negras. Também averiguou-se que o racismo de marca está expresso nos curta-metragens, principalmente no tocante ao cabelo.

6) Referências

BAEZ, Narciso Leandro Xavier. A construção histórica das ações afirmativas para afrodescendentes no Brasil / The historical building of affirmative actions for afrodescendants in Brazil. **Revista Brasileira de Direito**, Passo Fundo, v. 13, n. 3, p. 514-538, dez. 2017. ISSN 2238-0604. Disponível em: <<https://seer.imed.edu.br/index.php/revistadedireito/article/view/2219/1486>>. Acesso em: 02 dez. 2019.

CAMARGO, Sérgio (Sérgio Camargo). **O Brasil tem racismo nutella. Racismo real existe nos EUA. A negrada daqui reclama porque é imbecil e desinformada pela esquerda.** São Paulo, 15 set. 2019. Facebook: Sérgio Camargo. Disponível em: <<https://www.facebook.com/sergio.camargo.184/posts/2351837028204958>>. Acesso em: 01 dez. 2019.

CAMARGO, Sérgio (Sérgio Camargo). **Não há salvação para o movimento negro. Precisa ser extinto! Fortalecê-lo é fortalecer a esquerda.** São Paulo, 16 ago. 2019. Facebook: Sérgio Camargo. Disponível em: <<https://www.facebook.com/sergio.camargo.184/posts/2299860036735991>>. Acesso em: 01 dez. 2019.

CARVALHO, André. **Pai acusa loja de luxo de racismo; empresa diz que caso foi 'inesperado'.** São Paulo: UOL, 2015. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2015/03/31/em-nota-loja-de-roupas-de-luxo-minimiza-caso-de-racismo.htm>>. Acesso em: 30 nov. 2019.

DIAS, Carlos; PATRIARCA, Paola. **Racismo em universidades: professores e alunos negros relatam ataques criminosos no interior de SP.** Sorocaba e Jundiá: G1, 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2019/07/05/racismo-em-universidades-professores-e-alunos-negros-relatam-ataques-criminosos-no-interior-de-sp.ghtml>>. Acesso em: 29 nov. 2019.

FERNANDES, Florestan. Heteronomia racial na sociedade de classes. In:____. **A integração do negro na sociedade de classes.** Volume I- o legado da “raça branca”. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1965, p. 191-261.

FILHO, José Luiz de Moura. Sistemas de cotas nas IES: ações afirmativas à brasileira. In: ___. Textual: **Políticas de cotas em debate**. Porto Alegre: Sinpro/RS, 2002, p.12-15.

FISCHER, Rosa Maria Bueno; MARCELLO, Fabiana de Amorim Marcello. **Tópicos para Pensar a Pesquisa em Cinema e Educação**. Porto Alegre: Educação e Realidade, 2011.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. São Paulo: Global, 1933.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010. *Porcentagem da População por cor ou Raça - 2015*. Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.htm>>. Acesso em: 12 nov. 2019.

G1. **Maria Júlia Coutinho, a Maju, é vítima de comentários racistas no Facebook**. São Paulo: G1, 2019. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2015/07/maria-julia-coutinho-maju-e-vitima-de-racismo-no-facebook.html>>. Acesso em: 30 nov. 2019.

LAGES, Marcelo; NEVES, Cíntia. **'Situação mais delicada da minha carreira', diz segurança vítima de injúria racial no Mineirão**. Belo Horizonte: G1, 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2019/11/11/situacao-mais-delicada-da-minha-carreira-diz-seguranca-vitima-de-injuria-racial-no-mineirao.ghtml>>. Acesso em: 29 nov. 2019.

Luciana By Night com Jair Bolsonaro (07/05/19) | Completo. In: Cabal Rede Tv. Youtube. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xMDcEo0_BV0&feature=emb_title>.

MOTTA, Flavia; PAULA, Claudemir de. Questões Raciais para Crianças: resistência e denúncia do não dito. **Educ. Real.**, Porto Alegre, v. 44, n. 2, e88365, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362019000200405&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 nov. 2019.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem (sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre as

relações raciais no Brasil). In __. **Tanto preto quanto branco**: estudo de relações raciais. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 1985, p.67-93.

O pardo é negro? - Colorismo, Passabilidade, Eugenia: O que é ser negro de pele clara no Brasil . In: Canal Spartakus . Youtube. 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iv5inBkEMK4>>.

PIRES, Breiller. **Grêmio e Aranha, uma história de racismo perverso e continuado**. São Paulo: El País, 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/17/deportes/1500309484_868649.html> . Acesso em: 30 nov. 2019.

RAMOS, Gabriela. **'Aqui no Brasil não existe isso de racismo', diz Bolsonaro em Fortaleza**. São Paulo: O Estadão, 2018. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,aqui-no-brasil-nao-existe-isso-de-racismo-diz-bolsonaro-em-fortaleza,70002375442>>. Acesso em: 29 nov. 2019.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017. 112 p.p. (Feminismos Plurais)

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SILVA, Roberto da; TOBIAS, Juliano da Silva. A educação para as relações étnico-raciais e os estudos sobre racismo no Brasil. **Rev. Inst. Estud. Bras.**, São Paulo , n. 65, p. 177-199, Dec. 2016 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0020-38742016000300177&lng=en&nrm=iso>. Acesso em : 12 nov. 2019.

SILVA, Paulo Vinicius Baptista da; SOUZA, Gizele de. Relações étnico-raciais e práticas pedagógicas em Educação Infantil. **Educ. rev.**, Curitiba , n. 47, p. 35-50, Mar. 2013 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602013000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 28 nov. 2019.